

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub-Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas***

MARIA FERNANDES XAVIER

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

MARIA FERNANDES XAVIER

Maria Fernandes se diz enfermeira por vocação. Filha de mãe espanhola e pai português que gostavam da vida nômade. Nasceu em 08 de Setembro de 1921 em Formiga, Minas Gerais; fez curso primário e São João Del Rei e curso Normal em Divinópolis. Lecionou numa roça. A mãe, parteira, a ensinou a aplicar injeção e a cuidar das pessoas. Surge a vocação para a enfermagem. Ganhou bolsa da prefeitura de Divinópolis para ingressar na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC). Morou no internato da escola durante o curso, de 1944 a 1946.

Maria Fernandes considera que nesse período a direção estava a cargo do padre Álvaro Negromonte, dona Primavera e Waleska Paixão e não apenas da última, como de fato.

Formada, foi encaminhada para trabalhar em Divinópolis no centro de saúde. Mudou-se para Alfenas e dirigiu o curso de Educação Sanitária. Em Belo Horizonte trabalhou no Centro de Saúde Noraldino Lima e no Sanatório Eduardo de Menezes. Ministrou palestras em todo o interior de Minas Gerais.

Fez o curso de medicina do trabalho e continua atuando como enfermeira nesse setor prestando serviço para as empresas. Sente-se muito realizada com a profissão.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Dados pessoais; as localidades em que morou; sua crença e formação religiosa; formação escolar; o trabalho como professora primário na roça; a influência na opção por enfermagem; a bolsa recebida da Prefeitura de Divinópolis; o significado de enfermagem na época; o início do curso; a seleção; o concurso na companhia telefônica; a vida no internato; as pessoas que moravam no mesmo quarto que ela; a discriminação que sofrida das colegas e dos superiores; suas companheiras inseparáveis; o namoro e casamento da Daura; as pessoas que moravam no internato além das alunas; as normas do internato; a hierarquia entre alunas e os médicos. Referências ao trabalho do Padre Álvaro Negromonte; a vida religiosa no internato; os finais de semana no internato; os plantões particulares; as férias; as funcionárias do internato; o quarto coruja; a disciplina imposta por dona Primavera; o apoio de dona Rosa.

FITA 1 LADO B

O ensino teórico; os professores; as disciplinas; a disciplina marcante; o ensino prático; as condições de trabalho nos campos de prática; os fatos pitorescos; a relacionamento com superiores e com os pacientes; o uniforme da prática; os campos de estágios; o relacionamento de outros profissionais com as alunas; o dia-a-dia do internato e dos estágios; o relacionamento entre as alunas da EECC com as da Hugo Werneck; os motivos das desistências do curso; os serviços prestados à comunidade; a escolha das alunas para os plantões particulares; a participação da escola em eventos sociais; a relação da EECC com a escola Ana Neri; a formatura; o uniforme de formatura; o primeiro trabalho como enfermeira; a escola para educadoras sanitárias que dirigiu em Alfenas/MG.

FITA 2 LADO A

O trabalho como enfermeira visitadora; a sua direção no Sanatório Eduardo de Menezes; as dificuldade de transporte para se deslocar entre seus empregos; os pacientes que marcaram a sua vida; os empregos que teve em Belo Horizonte; o trabalho no SESI em Belo Horizonte e no interior de Minas; o serviço de abreugrafia e os atestados médicos; a sua participação na ABEn; o ser enfermeira hoje; o seu trabalho na área de Saúde Pública e na área; a filha adotiva..

FITA 2 LADO B

O relacionamento com a filha; a felicidade com o fato de ser avó; as boas e más lembranças vivenciadas; a morte da mãe.

FITA 1 LADO A

Geralda: Maria Fernandes o nome da senhora completo?

Maria: Maria Fernandes Xavier.

G.: E a data de nascimento da senhora?

M.: Ih!

Valda: Só data. (risos)

M.: 08/09/21.

G.: A senhora nasceu onde?

M.: Formiga.

G.: Formiga.

M.: Isso.

G.: Estado civil.

M.: Solteira.

G.: Filhos?

M.: Uma adotiva.

G.: Uma filha adotiva. É, a crença religiosa?

M.: Católica.

G.: Dona Maria a senhora podia falar assim pra gente um pouquinho da vida da senhora, da época da infância, da adolescência, antes de pensar em fazer um curso de enfermagem.

M.: Pois não, eu fui por exemplo, meus pais, minha mãe espanhola, papai português e, e nós então andávamos muito de, de, de Formiga (inaudível) saímos e fomos pra Itabirito, de Itabirito São João Del Rei lá a gente, eu fiz o curso primário lá, lá em São João Del Rei fiz com as irmãs depois fomos para Divinópolis e lá eu fiz o curso normal e fui lecionar, me formei com 17 anos. Fui lecionar numa roça é, dando aula para 1º, 2º, 3º, 4º ano, eu dava aula [limpando a garganta] pela manhã e à tarde. Ia sempre, eu fui porque o padre, o vigário de lá que ia uma vez por semana, por mês celebrar missa e pediu pra eu ir. Então, muito nova 17 anos, né? Naquele tempo era nova então, me botou um crucifixo muito grande no peito, eu achei que era a tal, ficava lá e todo domingo ele não ia eu tinha que dar catecismo também na igreja e o mês de

maio eu fazia, rezava todas as noites, fazia coroação e ainda lia o evangelho isso eu fiquei lá seguramente uns 3 anos [limpando a garganta] dando aula. Ganhava 100 cru, como é, como é que é? 100 cruzeiros como é que era?

G.: 100 contos.

M.: É 100 contos, pagava a pensão lá, pagava a pensão, não, cinquenta pagava quarenta de pensão sobrava dez e às vezes não dava pra ir para casa, então, a gente emprestava o dinheiro pra ir visitar os meus pais. Aconteceu um caso interessante eu não sei, hum eu vou contar, então pequena criada, quase com as irmãs no colégio eu fiz com as irmãs então, aquela ingenuidade era demais e lá eu com 17 anos comecei a namorar lá nesse lugar, roça mesmo chama-se Amadeu Lacerda. O rapaz então, lá namorava com todo o respeito, uma vez ele me beijou então, eu imagina já tinha o curso, né? [gagueira] e por emoção qualquer as regras [referindo-se à menstruação] sumiram e eu fiquei horrorizada ao invés de eu ir direto falar com mamãe e papai, eu fui lá no frei Rodrigo em Divinópolis, que ele morava em Divinópolis. Cheguei lá e disse frei Rodrigo eu tô esperando pra ter neném, “Nossa Senhora minha filha que é isso”, tô sim “mas vem cá conta, senta aqui, conta como foi” contei ele “ai quase que me mata, cê não vai falar isso com sua mãe não, não houve nada”(risos) e quase que eu ia contar e ia ser uma coisa horrorosa, né? E eu olhava no espelho, eu já achava que eu estava esperando, aí eu fui embora voltei pra Amadeu Lacerda mas assim ele, o rapaz queria aproximar de mim pra me beijar eu falei não isso antes eu tô esperando pra ter nenem agora, que é isso Maria, onde se viu isso não sei o que ele zangou. Até hoje ele mora em Divinópolis ele se casou, ele um dia contou pra minha tia essa aqui, essa aqui me deu vontade de botá-la no andor, eu tomei mais amor a ela e nunca mais fui, tive coragem nem de pôr a mão nela porque o dia que ela falou (risos) que ela ia ter neném, ele ficou horrorizado, então, ele conta isso pra todo mundo, que gosta de mim até hoje por causa dessa passagem, sabe? (risos) E quando eu estava porque aqui no [inaudível] eu estava, eu era chefe do serviço de educação sanitária então eu fazia palestras então, um dia ele foi fazer pra mim sobre religião, ele chegou, a primeira coisa que ele contou para os meus alunos foi isso, ele achava graça, ele disse “mas eu quase morri” porque foi ele que me levou pra lá, né? Então eu comecei assim de, depois eu fui pra Divinópolis, o prefeito me deu a bolsa e eu resolvi fazer o estudo enfermagem aqui

pobre a gente trabalhava para o sustento mesmo de meus pais então, eu vim fazer o curso era interno.

G.: Por que, por que que a senhora, qual, a razão da opção da senhora para fazer enfermagem?

M.: Quando..., a mamãe, toda vida foi muito despachada, antigamente é, num, num, essas parteiras, mamãe então fazia parto eu acompanhava as vezes, sabe? E era incrível mesmo e a mamãe me obrigou a fazer, a aprender a fazer injeções fazia pa, pa, se os vizinhos me chamasse eu ia fazer e ela era muito enérgica queria que eu fervesse tudo que às vezes não tinha, às vezes álcool quando com um foguinho eu fazia tudo isso, então, eu comecei a gostar de enfermagem e foi isso. Minhas alunas quando machucavam eu fazia curativo isso antes, né? Fazia esses curativos, lavava com [gaze, era só ir bem baixo, comprar] mandava comprar as gazes, fazia tudo direitinho então, depois que eu tive contato com os meus alunos é que mais vontade eu tive de fazer enfermagem e o prefeito sabendo disso é que me convidou, ele me ofereceu a bolsa pra vir fazer o curso aqui.

G.: Quem, quem mais instruiu assim a senhora na escolha, a senhora falou a mãe, a senhora falou que o prefeito ajudou, mais alguém que influenciou a senhora, mais alguma coisa?

M.: Não, eu assim por exemplo, eu toda vida gostei de, de visitas, de visitar doentes então eu achei que eu fizesse o curso ia melhorar mais, eu ia adquirir mais conhecimentos que eu era nula e fazia, né? Então, era melhor meus conhecimentos que eu resolvi então aceitar.

G.: E a família toda em termos de aceitar?

M.: A família, papai e mamãe que eram medrosos, nós morávamos enfrente o cemitério então, o povo pra eu corria “se morrer”, morria alguém ao lado ou mesmo alguém vizinho eu dormia entre mamãe e papai já formada hein, de medo mamãe e papai disse: “você pode até ir mas você vai voltar no dia seguinte”, e outra, sabe? Vai pra Belo Horizonte porque vai ficar livre, vai farrear não é pra estudar, então, mas mamãe e papai deixaram sabendo que eu ia voltar mas felizmente não, eu lembro quando nós fomos pra escola de Medicina para os cadáveres estudar eu pus o dedo em tudo assim pra não ter medo mais. Olha nós éramos vinte e tantos ficamos quatro,

então, eu fui a, lá pra Divinópolis eu fui, porque eu achava que, né?

G.: Dona Maria o que significa ser enfermeira naquela época?

M.: Olha naquela época é, é, é que eu toda vida penso isso até hoje, eu gostava de dar alguma coisa minha para os outros, para ser útil, sabe? Então, foi isso.

G.: Como que a sociedade via a enfermeira?

M.: Lá?

G.: A enfermagem, a sociedade de uma forma geral?

M.: A sociedade de uma maneira geral a enfermeira mesmo até hoje ela não é... e lá por exemplo, não é, é gostavam como no interior. Começavam a aula a menina sabe fazer injeção então ela vem fazer, mas não podia pensar, vamos dar ao menos um real, um, um cruzeiro pra ela, nada. Então, começou assim, fica, ficavam assim uma espécie de exploração e eu tinha aquela vontade de me dar para os outros, sabe? Então, foi essa coisa que eu ia visitava, gostava, a mãe pertencia a ordem de São Francisco, a ordem terceira parece, ela fazia muitas visitas e ela me levava, sabe? Levava mantimento para os pobres. Então, foi daí é que eu tive essa vocação.

G.: A senhora começou o curso em que ano?

M.: Olha eu me formei em 46, espera aí 43, né? É quarenta e três.

G.: Como que foi a seleção, havia algum teste?

M.: Teste, teste de quase todas as matérias, tá? Mas antes de fazer enfermagem, eu vim pra cá porque pobre, vim arranjar um emprego e, eu sou pequena, né? Mas eu era magríssima. Então, eu ia pra um lugar, nada, outro nada, fui fazer teste na companhia telefônica, eu gostava demais de francês então fiz uma prova ótima, as provas todas muito boas, mas antes disso rodei, chorava, eu me lembro eu andava tanto procurando um emprego que a sola do sapato furou, eu chegava em casa com um calo no pé, na sola por causa do quente, não arranjava nada. Então, na companhia telefônica eu fiquei toda feliz “cê passou, você pode ir para Divinópolis aguarde meu telegrama pra você vir, também, pra fazer o exame médico” recebi o telegrama fiquei toda feliz, eu tinha uma irmã que morava aí ela, fiquei na casa da vovó pra fazer o exame. Foi a minha maior decepção tomei bomba por tamanho, tirei 10 em tudo, no tamanho tomei bomba, Jesus Cristo, que decepção, se eu não tivesse força de vontade eu não seria o que sou hoje.

V.: Para que cargo, que a senhora estava?

M.: Para trabalhar lá no, no, na companhia telefônica?

V.: E tinha que ter altura?

M.: Tinha, minha filha tomei bomba, magríssima e pequenininha, né? Tomei bomba, hoje não tem nada disso, né? Mas eu tive tanta força de vontade que eu superei isso, chorei demais que precisava de trabalhar, que os meus pais precisavam, né? Então, eu consegui sabe, superar.

Mas a senhora fez teste pra enfermagem.

M.: Fiz o teste.

G.: Pra fazer enfermagem.

M.: Fiz, graças a Deus a gente fez um teste bom, né? E era, parece que era não me lembro.

G.: Como que foi o início do curso, após o teste?

M.: Dificil, difícil, muito difícil porque nós ficamos no internato, o internato era aqui no Santa Rita, né?

G.: A senhora quer falar um pouco sobre o internato, como é que era a vida no internato?

M.: Quero, quero. prá começar, éramos quatro só internas era Daura, uma lá de Divinópolis também a Elzira que há pouco tempo faleceu e a Romilda, eu não sei se vocês já ouviram falar da Romilda, eu não sei, ela morreu acidentada. Então, éramos quatro, Romilda, não, Elzira, Daura, eu uai! quem que, eram quatro, então deixa a outra que eu me lembro. E tinha uma praça..., uma maior que essa sala chamava-se praça 11 então, todo mundo que entrava ia pra praça 11 no meio das outras, nós, eu criada com irmãs, a Daura idem, a Elzira também idem. Ah, Jesus que sofrimento começava aquela fumação, fumando e eles faziam de propósito, elas faziam, elas falavam assim “minha Nossa Senhora aqui ninguém presta”, a Daura com aquele olhão regalado (risos). Ninguém presta (risos) e elas faziam de propósito, falavam tanto asneira.

G.: Quem que falava?

M.: As colegas que estavam lá fugida porque lá eram série A, B e C, né? A, B, C pra nós entramos nós éramos preliminares, depois vinha A, B, C e eu, e a diretora, a secretária botava, a gente chamava praça 11, botava a gente...

V.: Todo mundo junto.

M.: Todo mundo junto, então, elas aproveitavam, falavam que a gente, eram as capioas, né? Nossa Senhora, a gente não dormia e falavam: aqui ninguém deita, como é que vamos ficar aqui, nesse meio.. E nós sofremos demais com isso, viu? A Daura então..., porque a Daura se ela não lhe contou, ou não contou pra vocês, eu acho, eu tenho a impressão que até hoje que a Daura ia para o convento, depois veio fazer enfermagem.

V.: Tem.

M.: Não é isso? Então, ela com aquele olho muito (risos) arregalado e também, nós sofríamos só por causa disso porque estava fumando, agora você imagina.

G.: Ela caloura, vocês eram calouras.

M.: Calouras, é, é, era no meio delas. Ô Jesus Cristo e às vezes inventavam coisas, sabe? e nós lá ouvindo e chorava uma pra outra mas ficamos, né?

G.: A senhora falou que veio com bolsa de Divinópolis da prefeitura, né? Então a prefeitura que pagava.

M.: É que pagava, pra Daura também quase todas da minha turma.

G.: Da turma da senhora era a prefeitura que pagava.

M.: Era da prefeitura, acho que a gente ficava com cinco, cinco, cinco [inaudível] sobravam.

G.: Além...

M.: Então era cinco.

V.: Da bolsa que mandava uma parte era toda para a escola e sobrava um pouquinho uns cinco dinheiro da época, pra você?

M.: É, era. Agora não éramos assim, por sermos bolsista na ocasião não eram, nós não éramos muito bem recebidas, sabe? É bolsista de prefeitura, sabe? Nós sofremos também isso [inaudível]

G.: Quem era bem recebido?

M.: Ah, as que pagavam, né? E não eram capioas, que não podiam nem ver fumar, Eles dizem (risos) que não fumavam, né?

G.: E namorar?

M.: Namorar, namorar foi o caso que bom a Daura enamorou-se (risos). A Daura foi a

coisa mais incrível é “aquela coisinha” eu tenho um irmão, então, a Daura ficou assim muito apegada (inaudível). Então, as outras, a Daura e a Elzira a gente de combi ia passar na casa de uma irmã no Barro Preto [bairro de Belo Horizonte]. E ela começou a gostar do meu irmão, ele é mais novo do que eu, altão que ele era bonito, então, ela começou a gostar dele, ele não ficou sabendo não [latidos], não sabia não e apaixonada ia pra, para o hospital lá no, no Hospital Municipal e falava, gente todos sabiam que ela estava apaixonada, meu irmão não sabia não. Ela dormia no internato [inaudível] aqui ó, ele, um dia eu falei com..., ele chama Valdemiro, eu falei: ó Miro a Daura está gostando de você. “O que é isso?”, tá ela está gostando, “ah vocês estão, cês estão pondo na cabeça dela”. Então, com muito custo ó Miro pelo ao menos um telefona ela e ele era mulherengo eu falei Daura ele é isso, isso, isso [inaudível] tava, né? Então a Daura era incrível, aí ele começou a telefonar, ele acabava de telefonar pra ela, ela saía fazendo vômitos imediatamente pra privada, sabe, desarranjava o intestino, era uma coisa incrível, o namoro foi a coisa mais incrível, Aí começou, pronto ela escreve pra mãe, nós fomos é, trabalhar no, [inaudível] Daura e eu. E ela escreveu pra mãe dela e o Miro não sabia não, que ia ficar noiva, eu falei Jesus, então ela leu pra mim, eu telefonei e falei: ô Miro, olha a Daura telefonou pra mãe que vai ficar noiva (riso) “o que? Que é isto?” E a mãe veio o Miro meu irmão teve que arrumar dinheiro correndo para comprar as alianças. O, o, um casamento incrível, depois quando foi o dia do casamento em Cataguazes, em Leopoldina teve uma enchente incrível, das primeiras enchentes aquela coisa horrorosa em Leopoldina era pra minha irmã que ia ser testemunha e o Valdomiro foi casar lá e eles tiveram que voltar do caminho porque não puderam continuar a viagem, a Daura adoeceu, foi para o hospital, ruim mesmo, depois que melhorou casou-se e ficou, depois desentenderam-se mas ela é ótima, nós duas nos gostamos muito, sabe? Então pra você ver que eu estava contando sobre isso, a gente recebia lá na escola era com aquele medo, aquela coisa, sabe? gente estudava muito porque nós não éramos queridas. Então, a gente queria mostrar para os outros pelo menos que sabíamos, graças a Deus. Doutor [Medeiros] era um dos maiores amigos que a gente tinha lá dentro Nereu Ramos. Outro dia mesmo eu estive com ele, ele se lembrou de mim, está velhinho vocês lembram dele, não é? Então, graças a Deus, professores formidáveis conosco.

G.: Além das alunas quem mais morava no internato?

M.: Ah, dona Waleska, né? que era diretora, dona Primavera, essas [inaudível], e dona Rosa, dona Rosa passava quase que o tempo lá.

G.: Como era a rotina, o dia-a-dia do internato, as refeições, quem preparava as refeições, os horários.

M.: Óh, vocês. Então de manhã batia o sino pra tomar café, houve uma, um, acho que faltou açúcar, a gente ia pra mesa, só lá tinha um colosso de jaca, apanhava as jacas e colocava em cima da mesa e você tinha que comer, se não comesse chamava a atenção, se você deixasse um pedacinho de pão sobrar depois então ela chamava, dona Primavera chamava no quarto dela pra chamar atenção porque deixou um pedaço de pão sobrar. Então, a Daura teve uma indigestão de, de jaca porque em jejum não tinha açúcar elas davam jaca pra gente comer. Então, é, sobre alimentação a gente era assim, nós estávamos comendo ela estava de pé ali, ela ia aproveitar pra dar aula de civilidade “ó você está pegando no garfo assim” então, deixava da gente ter aquela coisa de comer, sabe? Então, muito assim penoso o nosso, aliás o curso inteiro foi penoso demais, demais se a gente não tivesse amor mesmo à profissão nós, nós não teríamos terminado.

G.: As normas eram muito rígidas?

M.: Rígidas, rígidas demais, olha nós fazíamos noite, vinha o bonde, o bonde nós fazíamos, por exemplo, no Municipal, né? E vínhamos parar aqui n Serra [bairro de BH] de bonde. Se no meio do caminho entrasse uma das..., nós éramos da série A, da série B você tinha que se levantar ficar em pé e dar lugar pra outra morrendo de sono e se... Eu me lembro muito bem tinha uma da série B, não, é da série A, é a Maria José Lobosque, eu não esqueço disso, eu estava cansadíssima, muito magra e não era muito bem (risos) alimentada, então, ruim vindo, eu vinha sentada, ela chegou olhou pra mim, eu não sei porque que eu estou que toda, toda vida eu gostei muito de acatar ordem mas, eu acho que eu não estava bem, não dei lugar pra ela. Você crer que eu fui descendo do bonde quando eu entrei na porta a dona Primavera, já tinha um recado pra, pra lá para o quarto da dona Primavera pra me chamar atenção porque ela foi lá contar que eu não dei lugar pra ela, isto viu, quer dizer são pequenas coisas. Também exigia, nós está lá os médicos chegavam nós estávamos sentadas escrevendo estudante,

médicos, eles chegavam nós tínhamos que ficar em pé. Era desse jeito, então, era uma coisa. Por isso, acho fazer enfermagem tem que gostar muito viu, que nossa, [nos agüentamos]

V.: A senhora falou duas vezes que a turma não era muito querida, por que eram professora do interior que tinha bolsa, tinha um tratamento diferenciado, entre os colegas e entre os funcionários e docentes também?

M.: Os funcionários eram formidáveis, então a cozinha quando via que nós não alimentávamos bem ia lá na, no nosso quarto depois que a gente enfrentava aquilo lá embaixo, a praça 11, então dava uns quartinho, mas nunca colega com colega não podia não, tinha que ser com outro pra tomar conta da gente então, elas davam escondido, né? A gente fazia à noite não levava nada [gagueira] as funcionárias tinha escondido e dava pra nós, sabe? Pe. Álvaro Negromonte muito bom, muito inteligente mas, ele judiou demais, demais de nós também.

G.: Por falar no padre Álvaro Negromonte como que era a vida religiosa? Como é que era?

M.: Oh, o padre Álvaro era professor e, e ele celebrava lá, lá num, não podia entrar homem, nós é que ajudávamos na missa, né? Ele era rigoroso de uma maneira, ele com a dona Primavera ,os dois eram rigorosos demais. Ele morava numa casa e, e ia pra lá celebrar a missa fazer tudo que se diz de religião e ele exigia é por exemplo, ele dava aula, que a gente decorasse o evangelho os livros dele, ele fazia os livros, você tinha que comprar e decorar tudo, mas nunca ele dava nota boa, depois que padre Jésus Mendonça foi e ficou horrorizado da maneira que ele foi formidável, mas ele viu, né? Padre Jésus era um contento pra nós, mas a gente... Eu me lembro nós, eu estava fazendo as no, as novenas todas sextas-feiras de comungar. Estava no fim e eu fui escovar os dentes fiz vômito e não engoli então, minha consciência... Fui falar com o padre Álvaro “nossa senhora” você ainda tem coragem ainda de falar que estava com vontade de comungar, assim comigo, eu perdi era acho que era a última, eu perdi porque eu engoliu um pouco de água porque estava escovando os dentes, nossa senhora padre Álvaro era de um rigor. E, e eu não sei, não sei graças a Deus isso aí, ele que me desculpe que já morreu eu acho que já, né? Nossa senhora!

V.: Ele, ele saiu por quê, pra onde ele foi?

M.: Eu não sei depois que nós saímos eu sei que ele saiu, disseram que estava, não,

não nós estávamos lá sim que depois foi o padre Jésus, é que tinha adoecido e foi para o Rio ,não sei ,eu tenho uma, não sei se foi tuberculose, eu não sei não, eu sei que ele adoeceu, aí nós [inaudível]

V.: Você teve notícia dele depois desse período?

M.: Não, não nem quero ter.[risos] Ele é rigoroso!

G.: A senhora, a senhora falou mais ou menos da rotina assim de um dia útil no internato e final de semana era diferente?

M.: Olha, havia isso também como eu disse pra vocês que, a gente era..., as outras que toda hora estavam com a dona Waleska, com a dona Primavera e ,Waleska vivia mais viajando, quase sempre ela ignorava o que se passava lá dentro, era só ela e o padre Álvaro que sabia. Então, as outras que iam lá bajulavam tinha uma [festa, elas iam, nós íamos pros plantões] Então é, se eu tinha folga hoje, mas eu tinha plantão extra, nós íamos por exemplo, eu trabalhei muito tempo no Terezinha Meira e eu, com a filha do Aziz Abras [possivelmente dito]. Então, era noite e outra durante o dia tinha que ir à aula e as outras eram plantão, as outras iam pra festa, a gente tinha que fazer no lugar delas e ganhava por exemplo, se cobrava vinte, vinte mil réis e dava o resto pra gente, era assim, mas era um rigor também não dava nada, lá é que eles arrumava [uma merenda] uma, uma.

G.: Vocês arrumavam o que?

M.: A merenda, alguma coisa de comer, nada, nada nós podíamos levar, uma que não podia porque não tinha, né? O dinheirinho que a prefeitura mandava mal dava pra gente comprar alguma coisa. E, e então, a gente ficava doida pra, mesmo sacrificada preferia fazer noite [plantão] que a gente passava bem, comia bem do que...

V.: Na casa onde vocês davam esses plantões particulares?

M.: Faziam plantões particulares.

G.: Onde que a senhora passava as férias?

M.: Na casa minha, Divinópolis.

G.: Mesmo em Divinópolis?

M.: Era. Por exemplo, eu tive, mamãe passa mal não pude vim num dia, faltei um dia, eu tive que pagar dois dias depois que eu me formei, pagar, não adiantou trazer atestado nem

nada, eu tive que pagar. Mas como eu gostava de enfermagem, não estando, pra mim era assim aqui sofria nós chorávamos, chorávamos ia pro hospital ficava livre [risos].

G.: Durante as férias era permitido é, ficar os funcionários, alguma pessoa no internato ou todo mundo tinha que sair em férias?

M.: Algumas ficavam, algumas.

V.: A senhora falou do funcionário, da, dos funcionários que levavam lanche, lembra o nome dessas pessoas?

M.: Honória, Honória gente, era uma criatura boníssima a dona Georgina já era mais da dona Primavera. Dona Georgina era..., mexia com a despensa, econômica, Honória era..., engraçado eu tinha uma vontade... você nunca ouviu falar nela? Uma gracinha era assim, uma roceirinha mas, se apegava muito com a gente, que a gente também era roceira, e se apegava muito. Então, ela que fazia essas coisas, sabe, a dona Georgina era mais...

V.: É, é vocês mesmo como essas coisas escondidas assim não, não tinha jeito de pegar alguma comidinha de noite?

M.: Lá?

V.: É, era tudo trancado?

M.: Tudo com chave.

V.: Não tinha jeito?

M.: Nó, nenhuma jaca que cê quisesse.

V.: Nenhuma jaca não sobrava?[risos]

M.: Olha lá, não sei se até hoje, eu tenho uma saudade daí, assim o local, olha não sei se falaram isto, em cima tinha um quartinho, chamava “coruja” [sobreposição de vozes] então já falaram, né? Qualquer coisinha que lá fazia punha a menina incomunicável. Ficava incomunicável lá em cima não trabalhava raramente levava refeição, entendeu? Então, tem uma menina inteligentíssima, Marta Neiva, não sei se vocês já ouviram falar nela, é de Paracatu, inteligente demais era da turma mais do que a nossa, e ela ficou incomunicável, dona Primavera punha e ninguém podia... Isso era, isso que era o internato e a gente...

G.: O quarto coruja, ele tinha essa finalidade, ele também teria outra finalidade seria para as pessoas descansarem, quem dava plantão à noite?

M.: Não, nós não conhecíamos lá, não tem disso não, só se depois, mas no meu tempo não era pra ninguém descansar não.

V.: No tempo era então, quarto para punições?

M.: Punições, chamava por causa da coruja...

V.: Por falta...

M.: Chamava até isso...

V.: Por faltas graves.

M.: Graves pra eles, né?

V.: Sim, por que eu perguntar que tipo de, de falta era considerada grave?

M.: É, é por exemplo o medo que eu tive de não ter dado..., de me mudar para o coruja. Marta Neiva ficou lá, porque ela não sei, um estudante de medicina ,acho que engraçou com ele, ela respondeu a altura, ela foi parar lá em cima, sabe? Essa menina tinha uma inteligência, quando até pouco tempo, ela me escrevia agora ela deixou, mas uma coisa ela foi castigada e todo mundo tinha medo da sala da coruja, nossa era coruja mesmo.

G.: Quer falar mais alguma coisa sobre o internato e um fato curioso, alguma pessoa mais marcante, algum fato marcante?

M.: Porque nós ficamos assim por..., eles nos separaram, que nos botaram ali, então nós ficamos assim e tinha outras por exemplo, que qualquer coisinha que fazia ia contar pra dona Primavera, cê cansada do serviço, dona Primavera, dona Primavera chamando, ela xingava, xingava a gente, agora vai dormir, assim então quando a gente sentava ela dormia, batia o sino, um era pra isso, dois ,a dona Primavera chamando você saía da..., quase morta já pra chegar lá pra, nem meninas de grupo não, não foram tão, acho que nós fomos experimentadas demais, entendeu? Demais mesmo haja visto que, Daura não sei se ela falou, Daura também tem horror a dona Primavera porque a gente sofreu muito mesmo, sabe? muito mesmo de, de pôr apelido em nós, sabe? até isso, mas vencemos graças a Deus. Tinha uma caderneta de notas é, das matérias e notas, depois observação nossa senhora tudo punha ali e chamava a atenção quando nós formamos pra, Daura, Elzira e eu rasgamos, nem quisemos saber notícia porque se a gente, aquilo ali era uma, e o padre Álvaro estava sempre à favor sabe, padre Álvaro judiou também com a gente porque ele instigava a dona Primavera. Dona Primavera

não sei se morreu, tomara.

V.: Quem eram suas parceiras então, as melhores amizades?

M.: Olha eu, nós tínhamos ali dentro dona Rosa era muito a nosso favor, sabe? a gente chegava chorando perto dela.

[FINAL FITA 1 LADO A]

FITA 1 LADO B

M.: Uma enfermeira ótima, ela tinha um carinho especial conosco, Maria José Paixão também, Jane Russian, Rucien ela parece que ela agora eu não sei se vocês conhecem ela está com hemiplegia e, Jane também era uma amiga muito boa nossa sabe? Então a gente tinha, parece que eles tinham dó da gente, que gente imagina fumar, né, a gente ficava assim, então, a gente tinha muita gente boa a nosso favor. Cês ouviram falar, devem conhecer Flor de Maio, a irmã dela chamava-se Geni [sobreposição de vozes] era amiga da dona Primavera então, não é necessário a gente dizer, falar, sofremos demais, demais, ela chegou um dia a nos chamar e falou que Daura, Elzira e eu só prestava pra ela botar a gente na privada e dar descarga, isto, até isto.

V.: Waleska?

M.: Dona Waleska ela tinha momentos de carinho com a gente mas quando a dona Primavera chegava ela, ela mudava a maneira que ela vivia mais com a gente uma criatura formidável, mas a dona Primavera chegava a ser dona de tudo, sabe? Dona Primavera era insuportável.

G.: E o ensino teórico como é que era na época?

M.: Olha o ensino muito bom, era assim com professores ótimos que nós tínhamos, os professores tinham assim uma amizade com a gente parece que inseparável, sabe? Então, a gente tornava amiga dos professores. O professor...

G.: Quem eram os professores?

M.: Olha seu Adílio. Dr. Nereu Ramos, Nereu Almeida, né? Parece-me que ele era de nutrição, tinha Dr. Otávio Magalhães que morava ali perto da escola.

V.: Todos médicos?

M.: Todo médicos, todos médicos.

G.: E as disciplinas quais que eram da parte teórica?

M.: Da parte teórica nós tínhamos, nós trabalhávamos com oftalmologia, fazíamos, é obstetrícia, não é? Ginecologia, ah, muito, fizemos muito, nós trabalhamos muito tempo tinha como é que chamamos que, que atendia as crianças? A gente fazia mingau, a gente ia pra cozinha, a gente que cozinhava, fazia os mingaus outras enchiam as mamadeiras, outras esterilização também.

G.: Dietoterapia.

M.: Tudo, tudo, tudo nós fazíamos, nós fizemos estágio também no hospital de crianças que tinha aqui na Santa Casa nós é que fazíamos tudo. No Pronto Socorro antigo, nós éramos obrigados a lavar as, as comadres e as cadeiras aqueles, é criadinhos, é lixar, pintar tudo era a gente que fazia tudo, tudo, tudo no Pronto Socorro a gente gostava porque estava no meio dos doentes, sabe? Houve um caso muito interessante, veio uma, uma moça do, de Poços de Caldas, Maria de Lourdes fazia o curso aqui e lá ela pertencia à associação dos cachorros lá, gostava demais de cachorro. Nós estávamos na aula de religião do padre Álvaro, e padre Álvaro ,você tinha que ficar assim, e ela era toda assim, o cachorro latiu ela saiu e foi pra janela, e xingou alguém que estava judiando do cachorro ,nossa senhora ,o padre Álvaro parou de dar aula expulsou-a por causa disso. E essa Maria de Lourdes era desse jeito e nós estávamos no hospital e ela então nessa ocasião nós éramos da série maior, nós éramos da série B e ela série A, eu tinha um doente passando muito mal e ela chegou ela muito carinhosa assim então, “acalma meu benzinho o que você tem?” Ele disse nada. Eu quero o compadre, ela saiu correndo folheou a, a, os papéis, né? E telefonou pro, pra família “ó fulano de tal está muito ruim, está pedindo o compadre” é eu já mandei, e não, já fiz tudo [risos] foi muito engraçado isso [limpando a garganta]

G.: Qual foi a disciplina mais marcante?

M.: Olha ,pediatria que eu gostei demais, demais, demais, geriatria, não é? Mais o quê? Só, eu gostava de todas, todas. A única coisa que eu não gostei muito foi a matéria de química orgânica, hum , a única que era ruim, né [risos] mas eu gostei de todas, todas mesmo, não tinha...felizmente.

G.: Dona Maria é, e o ensino prático, como é que era o ensino prático?

M.: Olha, nós tínhamos uma sala, tinha lá umas bonecas pra aprender a fazer injeções, né? E a cama pra gente aprender a fazer cama. Era isso, a dona Rosa que ela, que dava aula pra nós, né? E ela muito boa pra ensinar, uma pessoa formidável.

G.: Isso antes de ir para o hospital.

M.: Antes de ir para o hospital tínhamos as aulas todas, agora tocava no hospital.

G.: E para ir para o hospital para a parte prática quais que eram as as exigências?

M.: As exigências eram aquele rigor mesmo, né? E, por exemplo, você não podia adoecer que tinha que ir trabalhar de qualquer jeito. E, e no Hospital Municipal por exemplo, à noite não deixavam nada pra gente comer, a gente já não levava, era um sofrimento, a gente passava a noite. Eu me lembro que..., os doentes era proibido não podia aceitar nada, nada de doente mas, o quarto andar era de particular, eles davam maçã pra gente escondido, pra comer escondido, porque se a escola soubesse xingava. Então, você não podia aceitar nada ,eles não davam nada . Alimentação péssima lá no Municipal uma coisa horrorosa e não deixavam nada pra gente à noite, sabe?

V.: Quem ficava com vocês à noite, no hospital?

M.: Quem? Não, nós sozinhos.

V.: Só as alunas daquele ano?

M.: É, é não tinha da, da B se A ia lá uma da B pra chefiar, não é? Era assim.

V.: Ah, sim, uma turma mais adiantada que chefiava as mais novas.

M.: Chefiava as mais novas.

V.: Teve algum caso de aluna que tenha adoecido ou falecido, doença mais grave no seu período na escola que você tenha conhecimento?

M.: Não, não, não, não que eu me lembre não.

G.: Pra gente entender melhor essa diferenciação do ensino teórico e depois passar para, para o ensino prático é, havia a solenidade, da imposição das insígnias, o que era isso? O que significava essa imposição de insígnias?

M.: Uai isso era uma, nossa senhora, você já pensou, você chegar, descer. Como é antes, primeiro vamos botar, falar com, vamos passar uma borrachinha aí. Dia 7 de setembro você tinha que marchar, você chegava, porque fazer um plantão no Municipal 1°, 2°,3°,4° andar chefiando mas, você tinha que trabalhar. Chegava, você tinha que marchar, eu me lembro comprei [limpando a garganta], um tênis novo, onde

já se viu isso também. Quando eu cheguei em casa eu fui tirar a meia, o sangue estava garrado na minha meia, e tinha que ir, tinha e, é nossa senhora aquilo foi pior do que quartel essa coisa toda nossa. Agora quando a gente chegava no fim desejado, que a gente almejava, a gente num, não pensava em nada, pensava só naquilo, entendeu? Agora você não sabia que estava descontando dia se você chegava um minuto atrasado, eles descontava, e você ficava informado de [inaudível] só daí a 2 meses mesmo que você ia sair, pagar tudo, tudo dentro do hospital. Mas pra gente foi, foi uma glória quando nós saímos da escola. Agora felizmente Estado se não me engano, não sei se, não sei qual quem era o secretário nesta ocasião, não sei se Daura falou. Eles tinham um, gostavam demais de enfermeira, demais mesmo ao passo que quando eu por exemplo, me formei eu tive que pagar eram dois ou três dias à escola eu já tinha sido enviada, pois, Daura e eu, pois teve gente que queria não deixar que a gente saísse nomeada. Pediu a secretária para não nos deixar.

G.: Mas aí voltando sobre as insígnias, a senhora se lembra o que era a imposição de insígnias, ou não foi no tempo da senhora

M.: Não, não, não.

G.: Como que era o uniforme da prática?

M.: O uniforme era branco. Ó era a saia azul e a blusa branca, depois que pra ir para o hospital comprido. Ah, meia com fita métrica se não tivesse... você tinha que voltar para arrumar. E a, ô meu Santo Antônio aquela touca [risos] a gente ficava toda espetada com alfinete aqui [faz gestos]. Tinha que botar a rede e aquela touca, antes era o véu. Você ia fazer parto, eu era pequena tinha que botar um, um banquinho pra fazer parto, aquilo molhava o meu véu todo e tinha que ser impecável. Primeiro o véu, nossa senhora quando tiraram o véu nós depois, pouco tempo depois ainda que tiraram as toucas, mas aquele véu... Então o véu era quando tivesse não sei se é na segunda ou terceira série era branco e outras eram azul. Tinha essa diferença também, o vestido era azul e o vestido era branco da, da outra série maior, era isto mas, tinha o comprimento, não podia ser curto, tudo medidinho.

V.: Quem media?

M.: [Risos]

G.: Onde que fazia os estágios?

M.: Nós, da nossa, nós fizemos no hospital de crianças, era formidável nossa senhora, uma coisa boa, lactário onde nós, achava bom porque a gente fazia mingau, nós passa, passávamos muito bem...

V.: Tomavam um pouco do mingau...

M.: Tomava do mingau, comia aquela carne que a gente punha pra fazer o suco, punha sal na carne comíamos, o melhor estágio [risos], lactário, hospital, não sei até hoje eu não sei se era Santa Efigênia que tinha lactário, isso, engraçado, eu não me lembro isso. Depois fazia no Pronto Socorro velho, antigo, um dos melhores estágios que a gente fez, porque a gente apesar das chefes lá, é chefe que era queridas aí então, chefiava a gente, aquela coisa, mas a gente aproveitou demais. É soube dar muita coisa da gente para os outros, então eu tive uma ocasião que eu fui lá, tinha prisão, uma sela para os presos doentes e eu trabalhei, me botaram para pôr castigo porque eu trabalhei lá e foi a melhor coisa que fizeram na vida, porque eu me entreguei, tinha um velhinho, por exemplo, sob prisão e ele estava com escaras tão fortes que faz um buraco e saía embaixo aquele pus e eu tratava dele com aquele amor, aquele carinho, aquele velhinho preso. Eu trabalhei muitos anos, muito tempo lá, então foi a ocasião que eu mais gostei, foi esse estágio, lá no Pronto Socorro, sabe, à noite chegava diversos casos, né? A gente tinha oportunidade de lá a gente aprendeu muita coisa, muito mesmo, nesse Pronto Socorro. Depois é que ficou só no Municipal, o Dr. Odilon Behrens, né? Na ocasião dele então, nós fomos pra lá. Aí pronto, lá e em outros locais, nós deixamos de...

G.: Como era o relacionamento das alunas com os funcionários, com os diretores desses campos de estágio?

M.: Bom, no Municipal Dr. Odilon na nossa turma ele tornou-se muito nosso amigo. Chegar ao ponto da gente chegar pra ele. Ô Dr. Odilon nós não estamos comendo nada. E uma ocasião, dona Waleska, dona, dona Primavera soube que Daura e eu fomos falar com ele, quase que nós ganhamos é, é quarto coruja. Sabe, a gente tinha essa liberdade, tinha Dr...chefe lá, muito bom também ele estava sempre com a gente, sabe? Esse, lá éramos, [Dr. Firk] que faleceu agora, era Dr. Firk, [Dr. Borrote, Manuel Borrote] e [Dr. Colombo] e Dr. Sebastião Rabelo então, nós éramos da mesma turma e eles internos lá, então eles nos ajudavam muito também, sabe? Muito mesmo então, a

gente dos médicos, a gente era muito amigos, sabe? Gostavam às vezes quando era no plantão deles, eles ficavam doidos pra saber a escala pra ver se agente fazia com eles, sabe? Era muito bom o hospital eu acho que o hospital era a casa da gente, sabe? Até hoje ainda falo “meu Deus quem sabe que não vou acabar morando no hospital pra morrer” eu sou doida com hospital.

V.: Quando a escola foi só para o Odilon Behrens, né? Pro Hospital Municipal na época, é, foi suspenso o estágio em outros lugares teve algum problema que a senhora se lembra? Ou pela retirada das alunas?

M.: Não me lembro, não, não me lembro não, acho que não.

V.: E um conflito administrativo da escola.

M.: É isso, é isso eu não sei, com certeza mas, isso eu não fiquei a par não.

G.: Dá pra diferenciar o dia-a-dia do internato e o dia-a-dia da escola [risos], dá pra fazer essa diferença?

M.: Dá. Porque o internato, internato antigamente não sei se hoje o internato era coisa de medo você entrava na porta, você já tinha medo de bater o sino pra te chamar antes de você ir deitar, antes de você dormir, entendeu? Era isso que a gente sentia, era uma coisa que a gente ia por exemplo estudar mas a gente estava agora mesmo chama, será que eu fiz alguma coisa? Batia assim, todo mundo achava quem é que ela vai chamar pra xingar, era isto, e no hospital não tinha umas assim, não é? Que perseguiam, olhavam e tudo mas a gente estava lá com o doente, era superior, mas você de dentro do internato era uma coisa.

V.: Nenhuma coisinha boa do internato.

M.: A boa era amizades que a gente arranjava lá, que era a melhor coisa eu já fiz.

V.: [risos] É, tinha um relacionamento entre as alunas da, da Carlos Chagas e as alunas da Hugo Werneck?

M.: Ih! Não conosco, mas eu acho que não combinavam não, combinavam não.

V.: As alunas não combinavam?

M.: Não acho que nem a escola assim. E u me lembro, acho que era a Carmelita que não era, não é da Carlos Chagas?

V.: É da Carlos Chagas.

M.: É? Qual outra tinha uma que não era, eu acho que não, não foi assim muito aceita e tudo. Ah, tinha uma Carmelita por isso que eu me lembrei, Carmelita ela até, quando eu dirigi o Sanatório Eduardo de Menezes, ela trabalhava lá eu esqueci o sobrenome dela. Ele era da, da, da outra escola então, não era muito assim, não sei mas é uma coisa muito ligeira que eu me lembro disso mas, que não era muito assim não, sabe?

G.: A senhora me disse que a turma da senhora que entraram vinte e uma?

M.: É, ficamos só quatro.

G.: Ficaram, ficaram quatro. Qual era o motivo da desistência?

M.: Tem muitas por exemplo, parece não tinha vocação, então por uma pequena coisa, né? É, largou uma assim, agora acho que logo [quando uma desistia] umas também logo foram apresentar, nós fomos lá na, na escola de Medicina ficaram com medo, viu que não dava, umas coisas assim, sabe? As mais teimosas ficaram [riso], felizmente.

G.: Elas desistiam ou se transferiam para outros cursos?

M.: Não sei não, desistiram quase, que geralmente tinha mais gente do interior, sabe? assim, gente, Teófilo Otoni, Paracatu, é Passos, tinha uma de, como se, Cambuquira, sabe? É sempre...

V.: Tem alguma, teve alguma colega negra?

M.: Não, teve não. Teve chefe, dona Maria você já conhece, Maria o quê? Maria José.

V.: Barbosa.

M.: Barbosa, ô meu Deus santinha, ô mulher boa né, nossa senhora, aquela a gente ficava doida pra que escalasse a gente pra ela ser chefe nossa, que era uma calma, ele tinha uma paciência fora do comum com a gente, ela sentava, explicava, ela entrava na enfermeira com a gente não soltava a gente, sabe? Aquela..., foi um doce, eu acho que ela há pouco tempo eu estava aqui na Santa Casa, ela estava lá.

V.: Sabe onde ela mora, a senhora sabe?

M.: Não, não sei, mas é, essa você conhecem.

V.: Estamos, estamos atrás dela.

M.: Ô gente a Daura não sabe?

V.: Não.

M.: Nem dona Rosa, gente, mas, na Santa Casa vocês vão achar o endereço dela, tem muito pouco tempo..., que eu falei mas a senhora está trabalhando? Eu acho que ela mora pelo lado do Santa Tereza ou Santa Efigênia, que sempre eu a vi ali, aquela é uma santinha, viu? Nossa mãe e ela, eu acho que ela também foi um pouco perseguida por causa da cor, sabe? Então, por isso que ela era boa demais, boa demais, sabe? Eu tenho a dizer que ela era melhor que a dona Rosa, sabe, porque ela era aquela coisa, aquele doce, ela olhava pra gente, “o que você tem”, sabe? É desse tipo, tínhamos uma também que hoje é irmã dona Madalena, ela chamava-se Madalena, não sei, vocês já ouviram falar dela? É dona Madalena foi nossa chefe, ela sabe da vida da gente demais, até pouco tempo a Daura encontrou-se com ela, e ela pediu, que queria que eu fosse vê-la, na, não sei onde que ela está. Mas essa também era uma chefe muito boa. Elas viam também, viam falar o quanto que a gente estava sofrendo ,então, elas se uniam a nós, sabe?

V.: Tinham sofrido também, né?

M.: Também, sabe.

G.: Dona Maria a escola prestava serviços à comunidade, de alguma forma a senhora se lembra de como prestava?

M.: Prestava por intermédio das alunas, né? Eu por exemplo, aqui eu me lembro bem, eu falei gente, ora pois, eu vim parar onde que aqui não tinha nada, né? Então, Dr. Ernesto Laya que era o nosso professor de, de tuberculose ,ele era um santinho, ele tuberculoso, e então ele foi, recuperou-se então, ele era professor e fazia visitas e levava a gente para fazer visitas pra, pra dar é, é ele arranjava alimentos ,ele dava a gente pra levar, ia com a gente então, a gente andava, caixa d’água andava tudo por aqui, sabe? Com ele. Ele que arranjava até é, é colchões ele também era uma coisa formidável, Dr. Ernesto era um, um santo também ele acabou-se no morro das pedras com hemoptise, a senhora dele era médica também esqueci o nome dela, mas Dr. Ernesto Laya era também uma coisa, caridade era uma, então, essa vila toda aqui com chuva, que podia chover que cê tinha que ir, né? Nós fazíamos, subia morro, fazíamos aqui, ‘nos tínhamos um estágio também no Rio Acima, a gente passava bem lá porque não tinha, de vez em quando chegava de supetão mas a gente estava lá então, nós, a, ficaram lá um mês, dois chefiando o hospital ali era coisa boa quando nós formamos

nós ficamos lá, Daura e eu sabe? E mais duas alunas lá ,é um hospital muito bom é uma pena a escola ter deixado porque era aquilo, você fazia tudo no hospital cê chefiava, olhava a cozinha, olhava tudo e os doentes tinham loucura com a gente, uma fase muito boa foi pena ter de, deixado o Rio Acima foi um lugar também que eu gostei demais.

V.: Por que deixou?

M.: Eu saí depois que eu saí da escola o pessoal tinha deixado.

G.: Então a escola prestava serviço através de [sobreposição de vozes], fazendo injeções, curativos e...

M.: Pressões, era.

G.: E os plantões, né? As alunas faziam os plantões, quais as alunas que eram escolhidas para dar os plantões?

M.: Plantões...

V.: Particulares.

G.: Particulares.

M.: Particulares? As alunas que, olha umas que precisavam que eram queridas elas mandavam e as outras que não, eram... que mais faziam plantões.

G.: O dinheiro recebido dos plantões como é que era, ficava com a escola ou para a aluna?

M.: Não sei que, não, pra aluna não.

V.: Não ficava nem um pouquinho pro cês?

M.: Não, o quê a gente nem podia saber [risos] e era proibido receber gratificação, não podia mesmo!

V.: Mesmo aqueles plantões com o Ábras?

M.: [É com Aziz Ábras]

V.: [Aziz Ábras]

M.: É o [Aziz Ábras] é que ele, nós ficamos dois anos ou três Terezinha Meira e eu, ela fazia durante o dia e eu fazia à noite. Mas lá eles tratavam a gente muito bem, a gente chegava [sírios] né, aquela mesa de quibe, nossa senhora, a gente, acho, que ia fazer plantão só para comer. [riso]

G.: A aluna que dava plantão era dispensada de estágio, da aula?

M.: Não, nada, nada, nada. Eu tinha que as vezes, eu me lembro do Dr. Ubaldo Pena ele era ótimo mas enérgico, a gente cochilava ele chamava a atenção, um dia ele saiu da sala porque Romilda estava dormindo sabe, [inaudível] mas era assim um rigor mas porque ele era da escola, né? Eles não eram os culpados não.

G.: Dona Maria como era a participação da escola nos eventos sociais, nas festas da cidade, ou algum evento na área de saúde?

M.: Eu só me lembro, 7 de setembro não me lembro de nada mais.

V.: Aniversário da escola!

M.: Não era, sabe, sabe que eu não me lembro se fazia festa, não me lembro não, ou a gente ia trabalhar e eles faziam a festa. [risos]

G.: Algum congresso brasileiro?

M.: Ah, não.

G.: Alguma participação na ABEn [Associação Brasileira de Enfermagem].

M.: Eu só depois que saí, é que eu fiz parte.

G.: Sobre os movimentos estudantis naquela época, tinha algum movimento da turma da senhora?

M.: Não, não.

V.: Não tinha DA [Diretório Acadêmico] naquela época, ou grêmio ou alguma coisa assim que reunisse só os alunos, as alunas?

M.: Sei lá se teve eu não vi falar não.

V.: Não, né? Na escola não tinha nenhuma festividade interna?

M.: Eu não me lembro. Ah, muito raro, muito mesmo [sobreposição de vozes] é porque era aquela vida de trabalho, sabe, estudar e trabalhar.

V.: À noite entre o descanso, o jantar e até dormir o que vocês faziam?

M.: A gente ficava, às vezes ia pro quarto ou então, tinha lá um, embaixo, a gente ficava sentada lá, quando batia o sino aí todo mundo subir e pronto.

G.: A senhora lembra de alguma referência em termos de comparação ou de, da escola Carlos Chagas com a Ana Neri, existia alguma relação entre elas?

M.: Existia, porque dona Waleska eu tenho a impressão que ela é que dirigia lá, então, ela falava muito dessa escola conosco, sabe? E ela era, toda vida a gente reconhece que [era um portento] e, então a gente sabia alguma coisa por intermédio da dona Waleska.

V.: Vocês sabiam da existência da dona Laís, lembra da dona Laís?

M.: Dona Laís foi depois que a gente saiu.

V.: Dona Laís foi a primeira antes de Waleska.

M.: Foi a primeira, a não, falava mesmo mas...

V.: Em Belo Horizonte na escola a senhora não se lembra dela [inaudível]?

M.: Não, não.

G.: E sobre a relação da escola de enfermagem com a faculdade de medicina?

M.: Agora depois que nós saímos é que começou lá, é nós não tínhamos nada.

G.: A senhora não lembra de uma época da anexação da Escola de Enfermagem Carlos Chagas com a faculdade de medicina, a senhora não lembra nada dessa época?

M.: Não, não..., não me lembro nada, saí, fui logo para o interior.

G.: É, vamos falar então sobre a formatura como é que foi a formatura, os paraninfos, a solenidade de uma maneira geral.

M.: Ora, eu tenho..., tinha Dr. Dilermando Correia já ouviram falar nele? Eu não sei se ele morreu. Ele era secretário nessa ocasião e, nos deu muito apoio sabe, e eu acho que foi justamente ele que nos nomeou logo, a gente nem tinha formado direito a gente trabalhando e a gente já tinha sido encaminhada pra Divinópolis, e [gagueira] foi uma formatura parece-me que foi lá aonde é o Minas Centro agora, sabe?

V.: Secretaria de Saúde na época?

M.: Secretaria de Saúde, foi lá nossa formatura. Formatura bonita todo mundo com um veuzinho, não agora é chapeuzinho, é.

G.: Todo mundo com chapeuzinho.

M.: (inaudível)

V.: E o uniforme de formatura a senhora se lembra?

M.: Eu acho que foi branco.

V.: É a capa? Tinha uma capa?

M.: Não, não, não tínhamos mais capa não, foi só...

V.: Na época da senhora não se usou então a capa.

M.: Não, não, a dona Rosa eu me lembro que ela tinha uma capa azul com..., azul escuro eu não me lembro se forrada de azul claro, mas nós não éramos...

V.: Hum, hum.

G.: Depois que a senhora se formou a escola continuou sendo referência pra senhora, ou a senhora nunca voltou mais lá?

M.: Não, jamais, mesmo se ela fosse ali e eu estivesse aqui eu não iria.

V.: Foi tão traumático assim, foi?

M.: Demais, demais, era Elzira, Daura e eu que mais sofremos ali dentro a ponto, isso aqui eu gostaria que não.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

G.: A senhora disse que depois a senhora não voltou mais à escola.

M.: Não.

G.: Mas a senhora se sentiu preparada para trabalhar como enfermeira, para exercer a profissão?

M.: Senti, senti pelo amor que eu tinha, a vontade de, de dar alguma coisa pra alguém, então, quando eu saí daqui fui pra Divinópolis fiquei lá trabalhando no centro de saúde, eu gostava tanto de microbiologia que eu fui e, o Dr. Acho que Roberto ele já faleceu, era do sul, ele encomendou ao chefe e eles me botaram pra trabalhar e, lá no laboratório lá eu fazia exames de doenças venéreas e gostava demais de laboratório. Recebo uma carta do Dr. Dilermando Corrêa que era o secretário ,para eu ir embora pra Alfenas,

dirigir o curso de educadora sanitária, em Alfenas. Aí eu fui pra lá dirigi o curso e morava com as irmãs justamente com as irmãs que eu me formei no colégio. Eu fiquei em casa lá sabe? Então eu dei, fui diretora lá durante dois anos.

G.: Por falar em ficar em casa a senhora disse que o primeiro emprego depois de formada foi em Divinópolis, quer dizer, a senhora veio com uma bolsa da prefeitura de, de lá.

M.: Foi, é.

G.: Era, era obrigação esse, esse retorno era obrigada?

M.: Não, não, porque meus pais moravam lá, né? Então, eu fui nomeada, eu arranjei pra [inaudível] eu achei melhor ficar, que eu fiquei lá dois, dois anos não, fiquei acho que..., não me lembro eu fui pra Alfenas.

G.: Depois a senhora foi dirigir a escola de...

M.: É em Alfenas, foi inaugurada a escola, nós inauguramos, então, eu dirigi durante dois anos, lá.

G.: E depois disso?

M.: Depois disso, é, acabou acho que por questões políticas aí na Secretaria parece que o Dr. Dilermando saiu, acabou o curso, eu vim para o Centro de Saúde Noraldino Lima. Quem era chefe de lá, era a dona Edelvira [inaudível] foi uma mãe pra gente, também muito boa, tinha o Dr. Augusto que era, ele era...

[FINAL FITA 1 LADO B]

FITA 2 LADO A

M.:... eu não acho que lá no Noraldino de Lima eu trabalhei.

G.: No, no Noraldino Lima a senhora trabalhou fazendo essas visitas.

M.: Como enfermeira visitadora.

G.: Como enfermeira visitadora.

M.: É, depois me mandaram pra creche Menino de Jesus, era Dr. Mário Hugo Ladeira que era o secretário.

V.: Hugo Ladeira?

M.: É, Mário Hugo Ladeira.

G.: Estes serviços todos eram, eram ligados...

M.: À Secretaria de Saúde.

G.: À Secretaria de Saúde. Era o Departamento de Saúde Pública na época?

[Sobreposição de vozes] Ou como que era a denominação?

M.: Secretaria de Saúde.

M.: E fui, trabalhei dois anos na creche Menino Jesus..., eu prefiro não falar.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

G.: Tá, depois da creche.

M.: Eu fui convidada para dirigir o Sanatório Eduardo de Menezes, eu trabalhava com Dr. Mário, Mário..., e ele era o chefe de lá e eu fui pra lá pra dirigir.

G.: A secretaria lembra mais ou menos que período foi esse?

M.: No caso acho que foi no período, hum meu Deus.

V.: Década.

G.: Cinquenta.

M.: Tem, tem uns 12 anos que eu me formei. É deve ser.

V.: Sessenta.

M.: É, é mais ou menos.

V.: Época da revolução.

M.: É mais ou menos aí, eu fiquei lá no hospital dirigindo lá, acho que dois anos também.

G.: O que determinava essas funções que a senhora, pra senhora chefiar nos locais de trabalho, como que era isso? Quem que denominava isso?

M.: Óh, sempre, olha por exemplo pra ir para o sanatório o Dr. Mário foi diretor de lá então, eu trabalhava com ele no IAPI e ele me convidou pra ir com ele, ele falou “a secretaria nos cedeu pra lá”. Eu saí da creche e fui para o sanatório sabe, eu trabalhava no sanatório a vida era dura, e trabalhava no SESI, no sanatório, e à noite também eu ia para o sanatório.

G.: À noite voltava para o sanatório.

M.: Voltava pra olhar, né, que a gente...

V.: Como é que era o transporte entre o centro e o Eduardo de Menezes? Porque o Eduardo de Menezes é bem distante.

M.: Nossa senhora, nossa senhora, Jesus Cristo, não tinha estrada, a estrada não era asfaltada, e o ônibus, é a secretaria dava o pior ônibus então, se a gente saía daqui 8:00 horas chegava lá 9, 10:00 horas as meninas coitadas, da noite tinham que esperar o ônibus chegar pra elas virem embora que não tinha condução nenhuma e era a gente tinha que descer, estava chovendo, cheio de barro, descia para empurrar o ônibus, depois que eu saí foi uma beleza, mas nossa senhora então, depois que eu arranjei um dinheirinho e comprei um, um [Austim] [risos] que eu ia de carro, do contrário, a gente sofreu demais, aquilo balançava, sabe? Ô sofrimento mas lá era, foi formidável

também, viu. Nossa quanta coisa boa que a gente fez ali, muito mesmo, nossa, eu tenho recordações assim, feliz sabe? Eu me lembro porque, não sei porque não, tinha então, ô faziam, elas gostavam de festa mesmo então, fazia festa de São João elas mesmo arrumava então, um dia eu cheguei que tinha hora de repouso absoluto, eu cheguei tinha um na, na rampa, “ô dona Maria nós estamos esperando a senhora aqui” pra quê, vai dormir isso não é hora de esperar “não dona Maria eu quero pedir a senhora pra deixar a gente fazer fogueira”, eu falei minha filha com esse frio como é que você quer, faz aqui dentro, tinha um salão imenso, fiz aqui dentro “ô dona Maria então não sei porque, então deixa”, então vai dormir, deixa. Quando eu olho pra ela assim, ela disse me acode dona Maria, eu olho sangue, rompeu pronto aí começou a sair sangue eu não tive jeito sem o uniforme pequei, sabe? Ela, ela, eu vendo esse quadro gente uma coisa horrível e botei na, na, no trem lá na enfermaria e botei lá fazendo massagem e aquilo e saindo sangue, saindo sangue ela olhou pra mim e disse “dona Maria eu vou rezar muito pra senhora” e morreu. Aí as meninas, as outras lá vieram com um avental mas eu tinha lá, eu superior, pois, ela estava morrendo, mas assim eu acho que vocês põem alegria demais mas eu não esqueço disso nunca, nunca. Então, ela nua a coisa mais linda, aqueles seios, aquela clareza, aquele corpo lindo, viu, achei uma coisa, eu não sei, esse é um quadro que eu guardo, são dois quadros que nunca me esqueço: em Divinópolis eu era visitadora então, eu visitava as zonas, era cabarés né, que chamava, eu reunia, eu era nova, eu me formei nova, eu reunia as, as meretrizes pra dar palestra pra elas. Com muito custo, eu não era aceita, essa menina vai falar comigo, magra, eu era menina porque era magra demais. Então, eu consegui marcar um dia e ia fazer, porque estava aparecendo piolho, né? Muito lá e ela não, não fazia exame então, pra evitar doenças venéreas. Então, uma disse: “ô dona Maria nós temos uma colega que lá no campo, perto do campo de futebol, ela está muito ruim mas a senhora não vai lá sozinha não, que ela não aceita ninguém não, vai com um guarda sanitário” e deu o endereço. Eu combinei com um guarda nosso, seu Vicente “a senhora vai cedo porque a senhora vai encontrá-la”. Aí eu bati na porta era um, um cômodo só tinha acho que tinha porta da entrada e cozinha só mais nada, bati e saiu um homem do lado de fora, do outro lado e esse homem foi muito conhecido, é meu, foi meu conhecido ele era presidente do clube lá de Divinópolis, a senhora dele era a

diretora do clube. Quando essa senhora, aquela catanga de podre, eu olhei assim pra ela é, [vozes ao fundo] eu olhei assim pra ela e falei assim, minha filha que cheiro ruim, ela suspendeu a roupa, o útero dela estava aqui assim [faz gestos].

V.: No joelho?

M.: No joelho eu disse que é isto, e esse homem que saiu daí, “a não ele põe dentro”, Jesus, Jesus amado eu chorava na cara da mulher, chorava e custei até hoje eu tenho mágoa porque eu não fiz alguma coisa [choro]. Então, eu falei minha filha cê, cê tá tonta? “é pra agüentar as dores dona Maria”, eu disse cê quer fazer uma coisa comigo? Ela disse que ia, eu vou te levar, eu estava de jipe cê vai pro centro eu vou olhar isso diretinho para você, cê acredita que eu consegui, eu ia buscá-la e levá-la a fazer, então o colo do útero era bicho puro, e com gonorréia e todas as espécies de doenças, eu com a pinça eu tirava depois que eu fiz a limpeza essa minha colega Elzira que foi comigo [risos] ela não agüentou e começava a jogar desinfetante pra gente agüentar a ficar ali. E depois que eu fiz a limpeza chamei o médico era ocasião de penicilina, sulfa, mas e o medo dela não tomar. Olha não estou, não sou heroína, não sou nada disso também não fiz nada, podia ter feito muita coisa, mas eu fiz isso com ela, eu ia lá levava os remédios pra ela. Você acredita, aí depois que desinflamou, eu consegui hospital ela operou, ficou boa, eu consegui um emprego para ela numa casa, expliquei ela é assim, assim, assim mas eu tenho certeza você vai, que ela recuperou ela me chama, chamou até pouco tempo, que ela faleceu me chamava de mamãe, Mais velha e tudo, me chamava de mamãe mas eu consegui, mas esse quadro ficou pra mim, outro também, chegou lá no posto “a senhora não tem aí uma injeção, um veneno pra matar?” Elzira e eu, e pra quê meu filho, “ah eu tô com uma senhora muito ruim e minha mãe, tá, não é minha sogra tá esperando, tá ruim e minha senhora está esperando par ter neném não está agüentando então eu quero”, eu falei não, eu pedi o endereço cê vai ali na farmácia que eles te dão a injeção, e eles deram uma cibalena e eu falei vamos Elzira lá porque nós temos que ir agora sei lá o que eles vão fazer. Quando eu cheguei lá ele estava com o punho assim e o vi amarelo, venha cá eu passei aqui, eu vim pra dar a injeção eu vou dar para o senhor e entrei, a casa muito limpinha a senhora dele estava com uma barrigona assim [faz gestos], cheguei onde é que está então, numa cama assim, um lençol limpinho ele não estava esperando ninguém, muito limpinho tudo

coberto. Eu senti uns arrepios, meu Jesus Cristo, e eu suspendi, gente eu não gosto de lembrar cê não tinha carne não, aquela coisa preta já tinha comido tudo e ela conversava cê não entendia então eu pus a mão nela assim, ô filhinha tá doendo eu vou te fazer a injeção, mas você fazia não tinha pele, não tinha nada não. Então, você via quase que a cor do líquido, era cibalena então, eu senti vontade de não mexer com mais nada, me deu aquele medo eu sei o que foi então, eu pra me pirraçar eu ofereci então eu comecei a ir todos os dias, eu que dava banho, então, ela não alimentava direito eu comecei a dar alimento pela borracha, fazia, alimentava ela passava a mão assim em mim, sabe? Mais nada não falava, passava assim. Quando punha a outra mão ela fazia assim [faz gesto] e queria muito. Então ela me conhecia assim fiquei dois meses, que ela faleceu comigo graças a Deus, então, é essas coisas que marcam a gente sabe?

V.: Que doença que ela tinha?

M.: Câncer.

V.: Câncer.

M.: É, não tinha língua, não tinha mais nada [inaudível]. Agora ah; gente, coitado do homem lá vendo isso queria matar. Ainda bem que ele procurou a gente, né? Então, é isso que eu digo são, a gente encontra, no interior a gente encontra muita coisa assim, uma vez eu estava no cinema fui convidada porque não tem órgão pago que fala que a gente é da prefeitura então, você tem que ir mesmo, cheguei na casa aquele mal cheiro, uma senhora esperando pra ter neném gritando, gritando, ô Jesus eu fiz o, o também eu me especializei em parto, eu gostava demais então nada, porque esse mal cheiro, a criança estava morta quando eu fui puxar saiu a pele toda na minha mão, aquela catinga, eu comentei felizmente, toda a vítima dá sorte pra criança nascer, mas já nasceu morta e aquele mal cheiro imediatamente, tinha o Dr. Sílvio que era chefe do posto ele muita confiança comigo então [gagueira] era, era o caso de [cibasol] eu apliquei e fui no dia seguinte levei o médico lá ele disse, ele arrumou graças a Deus nós salvamos a mulher por esse intermédio, no interior. Porque aqui aquela vida que a gente levava, em hospital tinha tudo, no interior a gente tem muito med, eu acho que uma enfermeira no interior faz muita coisa boa, sabe? [estalando os dedos], sem entrar na alçada do, dos médicos, mas ela faz muita coisa boa é que eu aprendi demais por você perguntar se a gente, né? A gente entra por convicção que você está fazendo a

coisa certa então, a gente fazia muito, então, até hoje eu me sinto realizada quando eu sint, sinto assim vontade de chorar por exemplo, eu me lembrando dessa coisas eu me sinto bem, então eu me sinto realizada na enfermagem é isso, graças a Deus.

G.: É, tirando do interior, aqui na capital que a senhora veio pra aqui trabalhar quais foram os cargos, as funções que a senhora exerceu?

M.: Ó aqui quando eu vim, né, porque eu vim de Alfenas pra aqui, eu vim.

G.: Depois do Eduardo de Menezes.

M.: Do Eduardo de Menezes eu fui chefiar o [Dispensário] Oswaldo Cruz, sai de lá, fui para o Oswaldo Cruz fiquei lá também acho que foi um ano só porque eu estava arrumando pra aposentadoria, não é? Então, de lá é que eu me aposentei.

G.: A senhora se aposentou no, no Oswaldo Cruz?

M.: É, foi, é.

G.: Pela Secretaria de Saúde.

V.: Quando?

G.: Quando foi isso?

M.: Ah, tem uns dez anos, vai fazer dez anos é. Eu trabalhei sim antes no IAPI, antigo IAPI, não é? Depois no SESI, no SESI é que eu pedi pra, dediquei, eu tenho um serviço de abreugrafia éramos dois, era Dr. Antônio José Sobrinho e eu sócios, eu entrei em acordo com o SESI, é um serviço que tem ali na Praça da Estação, nós dois éramos, depois eu comprei a parte dele, hoje eu tenho o serviço.

V.: Vamos falar um pouquinho desse outro trabalho do SESI, como é que foi, o quê, parece que um período que a senhora inclusive recebeu alunas? Como é que era o trabalho no SESI?

M.: Hum, hum, é, o nosso trabalho lá no SESI era o seguinte, eu fazia palestras sobre educação sexual, entrava nisso a ação nos colégios do SESI. Todos os colégios e no interior de Minas eu ia fazer palestra sobre, parasitologia como é que é [doenças...]

V.: Doenças parasitárias.

M.: E, todos principalmente educação sexual a gente fazia, fazia em todo, ia para o interior todos, as, as sedes do, do SESI, eu ia fazer vacinas no pessoal eu acompanhava, nós fazíamos vacinas nas fábricas, sabe? Em todas a gente é que fazia palestras era a gente que fazia mas trabalhava comigo nós temos é, Dra. Albertina era

estudante, trabalhava comigo, é, tinha outro eu me esqueci o nome, José Fernando que começou a fazer enfermagem largou, começou a fazer medicina largou, trabalhava comigo eu dava oportunidade pra essas pessoas. Então, ia lá pra mim, né? E a gente fazia o interior todo de Minas a gente dava. E tinha além de palestras, nós, eu tinha um carro justamente por isso, que eu, de abreugrafia que a gente ia, eu saía, fazia relações públicas depois levava o carro e eles ia e faziam abreugrafia pra depois né, a gente fazia o relatório, então esse era o meu serviço no SESI. Muito bom, sabe? Gostoso de trabalhar se bem que as assistentes sociais têm sido a diferença. Tinha, agora não sei, com as enfermeiras, mas a gente se dava muito bem então, o serviço assim, você via que estava valendo a pena, sabe? Era um serviço muito bom que eu fiz. Saí porque eu tinha, também não podia eu tinha que dar, né, atenção eu consegui o convênio todo de Minas pra mim, então, fui trabalhar.

V.: No serviço de abreugrafia.

M.: De abreugrafia todinho eu peguei pra mim. O Estado de Minas todo ficou comigo.

V.: Esse serviço é particular...

M.: Particular.

V.: ...que presta serviço ao estado?

M.: Prestávamos, prestávamos que nós tínhamos convênio com o SESI, então, nós fazíamos, nós tínhamos carro, né, tínhamos carro do, para o interior e um carro aqui pra Belo Horizonte então, eu que fazia as relações públicas e dirigia o serviço agora hoje não, hoje nós já não fazemos mais abreugrafia, só atestado médico, eu tenho lá três médicos e tinha medicina do trabalho por agora a nova lei, né, sobre é, exigente de medicina do trabalho tem dois médicos que não tem, não tinha o curso, dei bolsa eles estão fazendo o curso de medicina do trabalho que lá só eu. Eu fiz medicina do trabalho e tem um que é. Então nós estamos assim.

V.: Esse serviço continua sendo particular?

M.: Particular.

V.: Sem convênios.

M.: Sem, nós com, sem convênio nós temos convênio para fazer o serviço pra ele, nós prestamos serviço, só.

V.: Sei.

G.: Para, para as empresas.

M.: Para diversas empresas, por que aqui tem seguro, nós fomos pioneiros do serviço de abreugrafia aqui, depois começaram abrir então, a gente fez o pé de meia no princípio, agora. [risos]

V.: Não tem só o pé de meia, né?

M.: Acabou, acabou o pé de meia. [sobreposição de vozes]

G.: E como? Ou como, qual foi a participação da senhora na, na ABEn, Associação Brasileira de Enfermagem, no COREN?

M.: Olha na, na ABEn, na ABEn eu fui secretária, né, da ABEn, depois fui dirigir uma da, um congresso e aqui nós festejamos foi uma ocasião aqui mesmo, então, eu que estava de frente e era sócia.

V.: Quem era a diretora você lembra, na época que a senhora foi, quem era a presidente quero dizer?

M.: Não me lembro, é porque não sei se era a Clélia [Gonçalves Pinto]. Acho que era ela, tinha a Gerônima, a Clélia gente era uma criatura também formidável, vocês já tiveram com ela, não sei que Daura acha que ela...

V.: Ela faleceu a pouco tempo, ela faleceu no ano passado.

M.: É, eu não sabia. A Daura achou que tinha.

V.: Ela faleceu ano passado no IPSEMG.

M.: Criatura boníssima, aquela trabalhava mesmo com a enfermagem viu, nossa senhora ela não media esforços, muito boa, eu não sabia, a Daura diz que desconfiava ou então, ela não quis falar comigo. É..., agora esse meu serviço quando eu fui pra lá eu já tinha o curso de medicina do trabalho então lá eu tinha vacinas, não é? Vacinas de todas as espécies, e tinha a minha, uma auxiliar de enfermagem que trabalhava comigo pra fazer esses serviços depois como a antivarióllica acabou nós também acabamos, sabe? Mas lá de acordo, eu exijo nós temos, tínhamos acabamos que deveria ter, mas temos aí um serviço que olha pra nós que é de lá do, lá da Pampulha olhava, media, né, os graus até tinha os do, dosímetro que media né, tudo isso, tudo exigia, exigia...

V.: Exigia raio x dos funcionários?

M.: É, dos funcionários e até médico tinha que usar eu mandei botar na parede que, que, do raio x para a, a sala de espera eu mandei botar chumbo pra evitar que os outros que lá estivesse, sabe? Graças a Deus a gente deu muita assistência lá. Agora só atestado médico, mas assim mesmo a gente está sempre procurando porque felizmente os médicos [do trabalho] eles valorizam muito a enfermagem, sabe? Respeitam, sabe, muito a gente e...

G.: E como que a senhora vê a enfermagem hoje? Como é que é o ser enfermeira hoje, como é que a enfermagem está sendo vista hoje pela sociedade?

M.: Bom, sendo vista pela sociedade outro dia eu tive até um debate com um empresário porque ele disse que a escola hoje está formando enfermeiras apenas para chefiar, para mandar em hospitais, para mandar, que hoje as enfermeiras são as atendentes, e auxiliares de enfermagem é que, mas as outras só sabem mandar, que as enfermeiras não sabem nem fazer uma injeção. Então, eu disse pra ele, é porque você não estão a pra, né, dos estudos porque se não houver uma, então, se o serviço é bem feito tem uma enfermeira pra olhar, se não tivesse essa enfermeira vocês não teriam o serviço de enfermagem, não é possível, não é não? Porque eu me lembro, eu também já fui supervisora do Felício Rocho, naquele tempo era assim, o diretor de lá e por política aparecia lá, eu me lembro o rapazinho chamava-se [Ildeu] e ele e uma outra da limpeza, como é que chama? Eu cheguei lá à noite eu gostava de vez em quando aparecer, ele tava lá de aventalzinho que isso [Ildeu] ? “Não é Dr. Fulano me passou pra enfermagem”, de limpeza, você não vai ficar não meu filho, gente aquilo me deu uma vontade de ir na hora falar com o Dr., ele já morreu, Dr. Gasparino. Ainda falei, eu disse assim que, “não a senhora está a par”, estou sim senhor eu ensinei a limpar o chão, o senhor ensinou a fazer injeção? O senhor ensinou alguma coisa pra ela assim? Então, é por isso que o hospital não tem, porque naquela ocasião eu entrei lá, Dr., um médico muito bom, que me colocou lá, me falou, você vai dar um jeito nesse hospital. Uai lá os entorpecentes, tinha uma que se dizia enfermeira, quando saíam lá pessoas por exemplo, cancerosa, iam embora pra casa ela tirava, ela tirava a morfina a torto e a direita e dava, levava pra casa e ela, tive que olhar isso tudo e isso também, então eu tive que brigar e a gente tinha que olhar essas coisas porque ele botava qualquer enfermeira. Então, isso com esse empresário eu citei esse caso, isso então, se não tiver

uma pessoa que entenda pra ensinar e ainda falei pra ele, uma dona de casa que não sabe fazer nada em casa ela não sabe mandar numa empregada dela, que tem muita gente, porque elas, eles entendem dessa maneira e infelizmente tem isso porque eu ouvi, sabe? Desse empresário, dizendo sobre isso, mas é porque eles não procuram tudo, eu falei felizmente botou o avental branco vocês acham que é enfermeira. Agora mesmo, hoje fulana de tal minha sobrinha, o marido dela é médico, a minha filha a Patrícia falou ó mãezinha a, Ana Márcia está com uma enfermeira pra tomar conta do neném, o que Patrícia? Eu falei, eu sabia que a senhora ia implicar com isso que eu estou contando, então, eu fiquei calada, eu falei Ana Márcia cê tá com uma enfermeira, cê deve tá pagando muito caro, uma enfermeira, pra ela tomar conta de um neném, ela ficou assim, “não ela não é bem uma enfermeira não”, eu falei ela deve ser atendente do hospital, alguma coisa não é? “Ah, é” é enfermeira, então é isso infelizmente, então, os médicos não procuram fazer essa diferença e metem a língua nas enfermeiras, e não procura saber que você chefiando o hospital cê sofre muito mais que todo mundo, pra você votar, então, eu não agüentei ficar num, lá por causa disso porque não deu jeito da gente.

V.: A senhora tem experiência na área de Saúde Pública e na área hospitalar, qual das duas a senhora gostou mais, foi mais gratificante?

M.: Olha aqui, Saúde Pública pra mim foi uma coisa formidável, eu fiz Saúde Pública no Rio Acima, e fiz aqui na Vila dos Marmiteiros que era a Vila São Vicente que agora eu não sei como é que chama, tive a oportunidade de chegar em casa de manhã na casa, que eu gostava de entrar cedo, de, tinha uma senhora lá, tinha muitas moças bonitas e tal, cheguei lá um dia, quando eu entrei estava cheio de porcos dentro da sala, eu falei o que foi isso? “Ah, a senhora veio cedo demais hoje, a gente põe o porco para o lado de fora, eles roubam”, nossa senhora mas consegui fazer um chiqueirinho lá, depois essa senhora mesmo, um dia eu cheguei ela assim muito ressabiada, o que foi? “Falar com a senhora, minha filha teve neném”, quem é? “fulana porque nunca vi, cê nunca contou que ela ia se casar, “não, é do pai”. Ah, tem muita coisa que a gente via lá, e agente fez amigos, de contar me chamar pra ser madrinha, tudo isso. Mas no hospital eu adorei mais apesar de tudo, Saúde Pública pra mim foi uma beleza, mas eu prefiro ainda o hospital, sabe? Cê vê aquela amizade do doente, você por exemplo,

uma palavra amiga, não é? No Rio Acima eu já tinha me formado mas como eu fiquei lá até me formar me deu vontade, tinha um doentinho, chamava-se Euclides ele tinha ascite, ruim mesmo mas eu me apeguei com os doentes assim eu me apegava muito. Então, ele estava aqui eu tinha ido em minha casa, eu vim aqui e me deu uma vontade imensa de ir no Rio Acima, quando eu cheguei na porta ele fez assim pra mim [faz gestos]. Então ele me deu as maçãs, eu trouxe deveria de ser tarde demais, eu falei não seu Euclides eu vou lá em cima vestir o avental e volto pra conversar com você, quando eu cheguei na porta, eu disse corre aqui, pegou na minha mão e eu usava vela, né? Pus vela, e ele disse eu vou rezar muito pra senhora e morreu. Foi uma coisa linda, então, tudo no hospital cê vê aquela coisa, aquele amor que os doentes têm com a gente e você vê também uma palavra amiga às vezes vale muito mais do que uma injeção e na maternidade, estava lá aquela gritaiada, aquela coisa toda, “quero remédio, não melhora”, sabe o que eu fazia? Os médicos sabiam botava açúcar na água dava todo mundo era aquele silêncio, todo mundo dormia, eu ficava feliz, contava ó Dr. eu fiz isso. Então, é isso que você sente bem, então, no hospital você vê o fruto do seu trabalho sabe, então, até hoje ainda acho que é o hospital, acho.

G.: Hum, hum. A senhora quer falar mais alguma coisa sobre a época da Escola?

M.: Não, não, já falei demais.

V.: E sobre a sua filha, como é que é essa história?

M.: A Patrícia é a razão de eu viver, eu quando estava no, lá no sanatório, então, nós tínhamos um convênio com... como é que chama agora aquele hospital do Madre Tereza? Chamava... eu esqueço o nome.

V.: Lá era um sanatório.

M.: Era, mas tinha maternidade lá e nós tínhamos o convênio, todas as senhoras que estavam lá no nosso hospital iam ter neném e a mãe da Patrícia eu cheguei lá tinha uma enfermeira chamava-se Conceição ela fazia à noite então, ela foi lá em casa “dona Mariinha tem uma passando mal e o Dr. não deixou guia nem nada a senhora vai lá pra poder.” Eu cheguei lá, ela na porta esperando, quando eu olho o neném estava nascendo, eu psiu, fiz o parto e essa Conceição veio com a toalha, arrumei e botei dentro do carro, arrumei tudo lá, fui embora, pronto, levei pra mim. Então, as, como eu tinha trabalhado na creche essa parte eu, então, não queria deixar a criança na creche,

leve pra mim, então as crianças eu levava lá pra casa, eu morava aqui na Augusto de Lima num apartamento pequenininho, eu virava as poltronas, levava os meninos pra casa e depois ficava esperando alguém que quisesse, pra ficar, pra não deixar ir pra creche, e ficou a Patrícia comigo, eu sozinha, meus pais moravam em Divinópolis, eu morava sozinha com a empregada. Meu Deus que, que eu vou fazer, então, eu falei ó a primeira coisa vamos batizar a menina, batizou com o nome Patrícia que eu queria, Patrícia Maria dos Santos e eu fui madrinha dela, o padrinho foi o secretário lá do sanatório e escrevi para o pai dizendo que, é de Teófilo Otoni, a Patrícia tinha nascido que ele viesse buscá-la, ele tinha falecido no dia que a Patrícia nasceu. Então, eu falei ó Terezinha, que é a mãe dela, seu marido faleceu, “não dona Mariinha” e eu disse você vai dar a criança? “Não, eu só darei pra senhora”, eu sozinha [inaudível] eu falei o que vou fazer, eu falei não, eu vou arranjar uma pessoa boa e vou dar, eu acompanho e levei a menina lá pra casa, já batizada direitinho. E no SESI apareceu uma, fui cê quer, eu expliquei ah, Mariinha eu vou, eu fui pra casa cedo, cheguei eu, peguei a Patrícia abracei ela olhou pra mim e riu, ah, minha filha eu comecei a chorar, abraçar, a campainha chamou, eu abri? Essa dona é mau comigo até hoje, [risos] E foi assim eu era visitadora antes de, de pegar o serviço mesmo de, mesmo assim eu saía mas eu ficava mais na rua, fazia visita nas ruas todas e a Patrícia, tinha empregada mas eu não tinha confiança, eu levava a Patrícia para o SESI com as mamadeiras, tem um advogado o Dr. Artur ele que dava mamadeira, as minhas colegas davam banho lá no SESI, também presentes, é carrinho, a Patrícia foi criada no SESI eles me ajudavam demais. Eu fui num, não sei que ano Matilde deve saber disso, eu fui, é a mãe do ano lá no SESI por causa da Patrícia. Então ela foi a razão do meu viver, mas antes disso, eu com a menina então, me disseram por eu dizer isso também eu gostaria que não, foram dizer para os meus pais.

[FINAL FITA 2 LADO A]

FITA 2 LADO B

M.: [Agora é um pai] é um, porque ela arranhou mas ela é assim, viu. Uma coisa incrível, se eu respiro ela pergunta “o que a senhora tem mamãe?” Até hoje viu, uma coisa, então, eu não sei quem fez melhor bem se ue pra ela, ou se ela pra mim sabe, graças a

Deus é de uma dedicação porque lá no hospital, no santório era assim não tinha, então as enfermeiras cada uma levava infelizmente tem algumas que não foram bem, eu não tem nada, ela é uma filha se ele nunca, ela me acompanha em, desde pequena ela me acompanha se eu vou consultar ela vai comigo quando eu dava aula de enfermagem lá no, no eu ensinava dar injeção “ô mamãe, ô mãezinha me ensina no meu bumbum, eu ensinava na prática minha em vez de boneca, era Patrícia, tudo isso, então, foi a razão, é até hoje a razão do meu viver, sabe, quando a mamãe esteve doente eu trouxe a mamãe pra aqui, a noite inteirinha, menina ela ficava a noite inteira com el, sabe? Graças a Deus e está muito bem casada, tem uma filhinha.

V.: Já é avó.

M.: Com oito meses, já oito meses a menina é uma gracinha, então, por isso que eu falo, eu sou realizada, sabe, de tudo graças a Deus sou feliz.

V.: Bom saber.

M.: Graças a Deus mesmo, falei demais.

G.: Nós agradecemos.

V.: Quer falar mais? Temos muito tempo.

M.: Não, falei muito, falei demais, e foi prazer mesmo sabe, de estar aqui com vocês, de vocês estarem comigo viu, fiquei muito feliz, de ser lembrada.

V.: Relembrar os tempos.

M.: Os tempos bons, né, agora mágoa assim a gente não tem, a gente tem que aprender a perdoar, né? Saber perdoar, porque foi com esse sofrimento que eu sou o que sou hoje, sabe? Porque eu pobre que quando estudava no colégio das irmãs foi com bolsa de estudo, então, eu me formei, papai não tinha dinheiro pra tirar o meu diploma, quando a Escola daqui pediu o meu diploma, as irmãs não fizeram caso porque papai não tinha dinheiro, papai vendeu o revolver dele, o revolver era a coisa que ele achava

que devia ter, vendeu pra tirar, pra pagar pra eu vim fazer o curso de enfermagem, então, foram essas pequenas coisas que eu me lembro com saudades então, tudo que a gente passou de ruim mas tem tanta coisa boa, tanta coisa que a gente lembra com saudades e que se voltasse eu gostaria, então compensa as coisas, que foi por esse sofrimento que a gente é alguma coisa hoje, eu hoje digo pra vocês o que eu era, sorrindo até hoje, porque eu fui muito pobre mesmo, eu recebia é, lá no, o Estado mandava pagar, eu ganhava acho que 200 reais não sei, e ia pro, fazia compras, tinha irmãos, todos casados e achava que porque eu não casei eu devia tomar conta então, eu tomei mesmo, meus pais toda vida se apegaram demais comigo, então tudo era pra casa, chegou a ponto eu às vezes não ter coisa pra vestir porque o dinheiro era pra casa, mas graças a Deus.

V.: Hoje tá bem!

M.: É, mamãe ela veio aqui ela ficou no hospital eu achei que eu devia dar mais, aluguei cama, oxigênio, e tudo, olhei a mamãe até morrer aqui dentro. Mamãe teve uma morte aparente, mamãe era muito forte, espanhola, sabe, acho que eu tô falando demais [risos], então começou tendo convulsões, não é? Eu fazia boca-a-boca, fiquei um dia e uma noite fazendo boca-a-boca até ela falecer, então eu fiz tudo, que eu tive oportunidade como servi os outros, servi a minha mãe, servi o meu pai e a família inteira, todos morrem comigo graças a Deus, então eu sou feliz, feliz demais, então essas coisas ruins foi o que eu sou agora, né? Então, é bom passar, a gente não pode ter a vida só de coisas boa não, né? E agora eu sou feliz, muito feliz.

[FINAL FITA 2 LADO B]

[FINAL DA ENTREVISTA]

FICHA TÉCNICA

Data da Entrevista: 22 de março de 1996

Local: Residência da entrevistada - Belo Horizonte/MG

Número de Fitas: 02

Duração: 120 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Erivaldo Rodrigues Soares

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos